

A RIQUEZA DE SE VIVER EM UM NOVO PAÍS

Ana Paula Lage

INTRODUÇÃO

A vida humana nos brinda com uma infinidade de experiências que podem, com o passar do tempo, contribuir com nosso processo evolutivo. Isto é, através da auto e heteroassistência, no burlamento constante do nível da nossa cosmoética, na expansão do nosso senso de universalismo e na melhoria de traços imaturos atávicos que trazemos em nossa personalidade, assim como o fortalecimento de traços já amadurecidos.

Viver em uma cultura diferente de onde nascemos, principalmente falando um novo idioma, é uma excelente oportunidade de reciclagem profunda de vários traços pessoais, assim como do nosso nacionalismo, geocentrismo, etnocentrismo e crenças provincianas quanto a um modo específico de se viver, a respeito de nós mesmos e do outro.

Neste artigo, serão apresentadas observações e ponto de vista pessoal sobre minha experiência evolutiva de viver em 5 países. Pelo fato de já estar morando em Sydney, na Austrália, por mais tempo (16 anos), vou me ater a falar sobre minha experiência vivendo neste país.

Primeiramente, apresentarei observações quanto a alguns aspectos da cultura australiana, seguido das considerações pessoais sobre os aprendizados que desenvolvi, a partir desta experiência a qual fui afortunada de eleger para vivenciar nesta vida.

VIVER OVERSEAS

Viver em outro país é para alguns um sonho, uma curiosidade e para outros não passa de algo sem interesse. Para mim, desde muito nova, a curiosidade de entender a vida mais além da minha, sempre me acompanhou. Via o mundo, como algo a ser explorado, descoberto e vivenciado, foi assim que desenvolvi o interesse por viajar. As viagens eram um universo de descobrimento de novos gostos, sons, histórias, tradições e maneiras de se comportar e pensar diferentes. Uma excelente oportunidade para experimentar as diferenças.

Ao começar a estudar Projeciologia e Conscienciologia, em 1991, este interesse se expandiu ainda mais incorporando um universo novo, e até então não explorado, da multidimensionalidade. Assim, a partir de 1993, comecei a dar aulas de Projeciologia em várias cidades do Brasil. Esta experiência ampliou ainda mais o valor de uma viagem, me dando a oportunidade de experimentar, na prática, a influência da multidimensionalidade nas experiências diárias nos novos lugares. Independentemente de onde estava, esta repercussão se apresentava. As conexões estabelecidas com as consci-

ências extrafísicas dos ambientes, os reencontros de destino, a influência dos holopenses dos locais, a nossa fôrma holopensênica e os efeitos destas no meu comportamento foram me ajudando a ampliar o conceito de lar, amizades, distância e solidão e a reavaliar meus valores e meu sistema de crenças.

Depois de viajar durante alguns anos pelo Brasil, em 1999, recebi um convite para viver em Buenos Aires, na Argentina, e administrar a sede local do IIPC (Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia). Logo após, fui para Madrid na Espanha, Londres na Inglaterra, Dunedin na Nova Zelândia e, finalmente, Sydney na Austrália. Ao longo de todo este tempo, trabalhei com a divulgação do corpo de ideias da Conscienciologia, dando aulas e conferências. Além disso, continuei praticando a tenepes - tarefa energética pessoal (desde 1995) e aplicando os princípios conscienciológicos no meu dia a dia.

Um aspecto que observo ainda hoje é que a experiência de viver em um outro país com o objetivo de realizar a atividade interassistencial da tarefa de esclarecimento traz uma gama diferente de experiências, não só devido à proximidade com a equipe extrafísica de amparadores da reurbanização extrafísica, mas também porque a manutenção da vivência direta destas ideias, como a bússola consciencial, ajuda na manutenção do foco experiencial. O que estou fazendo aqui? Quais as experiências do meu passado me trouxeram até aqui? Qual o grupo vou acessar? Quais são os meus credores? O que tenho de retificar, fortalecer e desenvolver?

O nível de profundidade da percepção desta experiência será diretamente proporcional ao nível de autorreciclagem que o experimentador está disposto a realizar.

Vejo que a experiência de viver fora do país de origem não é um privilégio, o que, em geral, pessoas que não viveram a experiência pensam; para mim é uma necessidade evolutiva específica da consciência. Uma necessidade de uma demanda evolutiva íntima e grupal. A oportunidade que criamos ao sair do país onde nascemos, onde estão nossos “entes queridos”, nossa referência cognitiva e emocional desenvolvida nesta vida, nos lança diretamente à oportunidade de reavaliarmos nossas verdades absolutas, nossos valores, nossas fronteiras mentais e nos tornamos mais “nós mesmos”. Perdemos, até certo ponto, os conceitos do comportamento ideal, dos pensamentos formatados pela nossa educação, convivência com amigos e família. Isto contribui para desenvolvermos e reconhecermos não só nossa singularidade consciencial assim como a do outro. Não importa onde vivemos, em qual idioma nos expressamos, somos todos consciências com o direito e a liberdade de evoluir e experimentar a vida da forma que se acha melhor, mesmo que esta não atenda às expectativas alheias. Os únicos responsáveis pela consequência de nossas escolhas e omissões somos nós mesmos.

Isto é algo que aprendi e experimentei aqui, em Sydney, de maneira mais intensa, o valor da liberdade evolutiva consciencial.

SYDNEY, AUSTRÁLIA

A Austrália foi colonizada pela Inglaterra que tornou o país em seu presídio. Foi assim que, entre 1788 e 1868, a Inglaterra enviou para Austrália 166.000 criminais mulheres, crianças e homens. Estes

viajavam em torno de quatro a oito meses para chegar ao seu destino. A maior parte destes criminosos foi enviada para as cidades de Sydney e Hobart. Estes eram “produtos” de uma Inglaterra em crise, com pouca oportunidade de trabalho e diferenças sociais gritantes, onde as condições de vida e saúde eram precárias.

Vir para Austrália era para alguns um exílio e para outros, uma oportunidade de obter uma nova vida. Por 30 anos, muitos destes convictos viveram livres e desfrutaram da oportunidade de aprender um novo ofício e melhorar a própria vida, o que não teria ocorrido se tivessem continuado na Inglaterra. Porém para outros, foi uma experiência de sofrimento e dor, por estar longe do conhecido, dos entes queridos, da pátria amada e das condições que apesar de não serem benéficas eram desejadas.

Ao chegar na Austrália, os ingleses encontraram os aborígenes (indígenas que já viviam neste país por séculos). Como toda relação dos exploradores com os “donos da terra tomada”, os ingleses não conseguiram estabelecer um bom relacionamento com estes indígenas, principalmente pela falta de entendimento da cultura dos mesmos e arrogância de se sentirem superiores. Ainda hoje, se pode perceber que os aborígenes não são totalmente integrados à cultura prevalente.

Na corrida do ouro, chegaram os chineses, depois das duas guerras mundiais, vários imigrantes europeus decidiram construir a vida neste país e, nos últimos anos, imigrantes de outros países da Ásia e América do Sul resolveram fazer o mesmo.

Estas ocorrências contribuíram para que as maiores cidades da Austrália se tornassem, em maior ou menor grau, multiculturais. Penso que por essa razão é um país aberto à chegada dos imigrantes. Claro que, desde que estejam dispostos a se incorporar à cultura, falando o idioma e produzindo.

A melhor condição, e até certo ponto a ideal, é a pessoa chegar sabendo o idioma e, se possível, com uma formação profissional, na qual eventualmente poderá atuar.

Oportunidade de trabalho não falta. Mas vai depender muito da disposição da pessoa de trabalhar para chegar a conquistar o que ela quer. É importante, a pessoa trabalhar seus preconceitos (se é que os tem) quanto ao valor da posição social pois, às vezes, dependendo da situação, a pessoa vai precisar, durante uma fase, trabalhar em uma atividade que para alguns seria uma vergonha como por exemplo, garçom, faxineira, guarda de trânsito, pedreiro, carteiro e outras.

Os australianos são amigáveis, amáveis e têm uma tendência mais voltada à individualidade, traço que colabora na valorização e respeito pela vida privada pessoal e que, em algumas circunstâncias, pode ser interpretado como “frieza”.

Sydney é a maior e mais antiga cidade da Austrália, com uma população caracterizada pela diversidade de 4.92 milhões de habitantes (ano-base: 2016). Reconhecida como uma das cidades mais multiculturais do mundo, 45% das pessoas que vivem em Sydney hoje nasceram fora da Austrália, sendo 4.3% vindos da Inglaterra e 3.5% da China, seguido por outras nacionalidades, gregos, irlandeses, escoceses e de diversos outros países do mundo.

As praias e a variedade de parques e praças com verde abundante fazem de Sydney uma cidade voltada para a vida *outdoors*. Existe uma onda de saúde física a qual facilita à pessoa predisposta o

acesso a uma variedade de alimentos orgânicos, suplementos, assim como a culinária mais saudável. A oferta da medicina ocidental, chinesa e indiana contribui para o acesso a uma abordagem holística da nossa saúde física e mental.

Esta diversidade combinada com a beleza natural da cidade faz deste lugar um oásis de experiências evolutivas para a consciência lúcida.

MULTIDIMENSIONALIDADE

A experiência de viver fora do país de nascimento nos dá a oportunidade de reencontros com pessoas do nosso passado os quais, se não tivéssemos nos movimentado, não ocorreriam. Com maior lucidez, conseguimos perceber o ambiente do trabalho, a cidade onde vivemos, as companhias que reencontramos como um grande palco intrafísico montado para nos possibilitar estes reencontros e as reciclagens íntimas e a reeducação pensênica derivadas desta experiência.

Devido às várias experiências existenciais que tivemos, não penso que acabamos vivendo em um lugar por acaso, coincidência ou apenas sorte. Nosso holopensene determina não só as pessoas as quais atraímos para perto de nós, como também as experiências e os lugares aos quais vamos nos conectando.

Estar em um novo país, na realidade, é uma responsabilidade. Qual a razão de estarmos ali? Quais traços precisamos reciclar em nós para modificar, reformular, a qualidade das conexões estabelecidas com nossos velhos companheiros evolutivos intrafísicos e extrafísicos e conosco mesmos?

Pensando assim, cada experiência pessoal e reencontro que temos toma uma dimensão mais profunda e mais coerente com as premissas da evolução da consciência. Vemos, na prática, que ninguém perde ninguém. Nos reencontramos tanto com os velhos amigos quanto com os nossos “velhos” desafetos, o que nos dá a oportunidade de fazer diferente, agir diferentemente. A cada encontro, traços que até então não se manifestavam tão fortemente vêm à tona exigindo de nós o posicionamento multidimensional de que já não agimos mais assim.

Desse modo, cada situação passa a ser uma excelente oportunidade de decisão e posicionamento, de que mudamos e podemos fazer diferente.

Esta postura íntima vai sendo desenvolvida na medida que deixamos ir nosso sistema de crenças e valores “emprestados” do ambiente de onde viemos, ou seja, nos desreprimimos e vamos retomando nossa real idade consciencial. Saímos do ambiente confortável, conhecido, para nos manifestarmos em outro ambiente, falando um novo idioma, onde apesar do medo precisamos enfrentar a nova situação. Ao nos expressarmos em outro idioma, acessamos nossa holomemória e, ao fazê-la, acessamos nosso ego da época que falávamos aquele idioma em outra vida. Desse modo, acabamos nos reconectando com traços de qualidades e imaturidades que, até aquele momento, não haviam se manifestado de maneira mais ostensiva nesta vida.

O ideal seria que pudéssemos fazer isto sem precisar nos deslocar, mas em nosso nível evolutivo ainda não é possível.

Cada um de nós, no decorrer de nossas vidas, influenciemos direta ou indiretamente a vida de consciências das quais muitas vezes não nos lembramos. Assim como tivemos vitórias e conquistas, também cometemos erros e omissões juntos. Por isso, no nosso nível evolutivo, temos ligações ego-cármicas e grupocármicas a serem resolvidos.

Ao nos comprometermos em alcançar uma vida mais lúcida, produtiva e cosmoética, nos comprometemos a renascer. O objetivo será a retificação das relações grupais e pessoais, por meio da reeducação dos nossos traços imaturos, fortalecimento de traços maduros e aquisição de traços ainda não desenvolvidos, tendo como linha mestra de atuação a interassistência cosmoética.

A partir daí, cada um vai delineando sua vida a qual vai nos levando à necessidade premente de mover-se para encontrar o grupo.

A necessidade de mover-se vem, então, deste compromisso assumido. Vamos voltar aos lugares onde experienciamos estas vitórias e cometemos estes erros, não para repetirmos, mas para imprimir aí uma nova assinatura pensênica. O contato com a nova/velha forma holopensênica vai nos possibilitar a reconexão com as consciências intra e extrafísicas do nosso passado, nos dando a oportunidade de retificar estas relações e de reforçar o nosso exemplo evolutivo. Além disso, nos possibilita o autoenfrentamento de traços imaturos que pensávamos ter superado completamente.

O contato com o holopensene do lugar, assim como com os velhos amigos, funciona como um espelho em que o traço vem à tona e pode se fortalecer ou pode ser reciclado, reeducado e superado. Tudo vai depender do quão sinceros somos conosco e reconhecemos que os ganhos secundários angariados pela manifestação destes traços (muitas vezes multimilenares) já não são interessantes para o nosso percurso evolutivo atual. Além disso, enxergamos a complexidade da nossa manifestação. A autoimagem idealizada que criamos de nós mesmos pode bloquear e criar a distorção cognitiva de nos acharmos os melhores, os “santos”, os maduros, os salvadores, de saber absoluto, e assim por diante. Ao nos permitirmos vivenciar autenticamente estas experiências, nos enfrentamos e descobrimos de maneira profunda que realmente estamos em evolução e que, apesar de já termos traços evolutivos bem desenvolvidos, ainda temos traços imaturos, primitivos, antifraternos os quais precisam ser reconhecidos e reeducados.

Por isso, não é por acaso que vamos para um país e nos conectamos com determinado grupo e temos certas experiências. O definidor da qualificação destas experiências somos nós mesmos, através do nosso holopensene que poderá nos liberar ou nos juntar ainda mais com estes grupos por meio da automimese.

Pensando neste sentido, o “novo” país, o “novo” idioma, os “novos” amigos e companhias vão fazer parte da grande peça teatral do nosso processo evolutivo o qual precisamos reviver, só que agora tendo a interassistência cosmoética como norteadora da nossa bússola consciencial evolutiva, transformando este planeta num educandário evolutivo e não num grande hospital.

Desse modo, para algumas pessoas é necessária essa movimentação e contato mais prolongado com determinadas culturas. Viver em um novo lugar não é semelhante a fazer turismo. O nível de qualificação e profundidade da experiência aumenta à medida que passamos mais tempo no lugar.

CONCLUSÃO

Ao mantermos a lucidez quanto às nossas conexões energéticas estabelecidas com as consciências físicas e extrafísicas mudamos o nosso conceito de distância e solidão. Não importa onde estamos, vamos reencontrar a nossa “turma”, aquela com a qual necessitamos fazer reajustes.

Usando o bom senso, com suavidade, cuidado e respeito ao outro, vamos nos reconectando com estes velhos amigos e resgatando nossa relação. A cosmoética nos aproxima das consciências e nos dá a oportunidade de reconhecer as diferenças com respeito e sabedoria.

Ao mesmo tempo que expandimos os limites de ação e desenvolvimento que nos impusemos, consciente ou inconscientemente, ao nos deparamos com esta nova vida, precisamos “arregaçar as mangas” e fazer as coisas acontecerem, apesar do medo do fracasso, de não dar conta, da solidão e de cometer erros, enfim traços que nos travam e nos arremetem ao conhecido, ao confortável, ao familiar. A nossa resiliência, autoconfiança, proatividade são testadas a cada dia. A ansiedade do imediatismo dá lugar a certeza de que nada melhor que o tempo e a ação contínua para alcançarmos nossas vitórias diárias.

Por estas razões, a experiência de *expat* é única no nosso processo evolutivo. Um verdadeiro teste intrafísico em relação ao nosso nível de autossuficiência evolutiva relativa, de autenticidade, individualidade evolutiva, autoliderança e nossa capacidade de viver com nós mesmos e com as diferenças respeitando e compreendendo-as. Um excelente experimento evolutivo acessível a qualquer interessado.

BIBLIOGRAFIA:

- ARAKAKI, Katia; *Viagens Internacionais: o nomadismo da Conscienciologia*. Editares, Foz do Iguaçu, 2005.
- BOYCE, James; *Van Diemen's land*. 2 ed. Black Inc. Australia, 2013.
- HIRSCHBERG, Stuart; HIRACHBERG Terry; *One world, many cultures*. 6th ed. Person Education, Inc, USA, 2006.
- LAGE, Ana Paula; LLOYD Jeffrey; A docência Conscienciológica atuando em Diferentes Culturas. Proceedings of the 3rd Consciential Education meeting, Journal of conscienciology, Vol.7, No 28 Supplement, Curitiba, 2005.
- SHIRAEV, Eric; LEVY, David; *Cross-Cultural Psychology: Critical Thinking and Contemporary Applications*. 3rd ed. USA, 2004.
- STORTI, Craig; *Figuring Foreigners Out: a practical guide*. Intercultural Press, a Nicholas Brealey Publishing Company, USA, 1999.
- SWARTZ, David; *Culture and power: the sociology of Pierre Bourdieu*. The university of Chicago, Chicago, 1997.
- VIEIRA, Waldo; *Léxico de Ortopensatas*. Editares, Foz do Iguaçu, 2014.
- WARD, Colleen; BOCHNER, Stephen; FURNHAM, Adrian; *The Psychology of Culture Shock*. 2 ed. New York, Taylor & Francis Inc, 2003.

Ana Paula Lage é graduada em Psicologia, especialista em Psicologia Positiva e mestranda em Psicogerontologia, com ampla experiência profissional em Gerenciamento de Pessoal.